

## Nova empresa vai substituir Faec

Tendo alterado sua decisão inicial, que era de extinguir a Fábrica de Equipamentos Comunitários — Faec — e terminar com sua atividade, a Prefeitura de Salvador cuida agora de criar outra empresa municipal que venha a administrar a massa falida daquele or-

gão e aproveite seu projeto arquitetônico e industrial, mas com uma gerência realmente responsável. A Faec quebrou por culpa da sua desastrosa gestão no período do ex-prefeito Mário Kertész. Conhecem-se agora as graves irregularidades cometidas (Pág. 5).

TARDE ● Quinta-feira ● 19/4/1990

Geral — 5

# Idéia da Faec era boa mas sua execução foi criminosa

Depois de ter anunciado a extinção, pura e simples, da Companhia de Equipamentos Comunitários — Faec, a prefeitura decidiu reexaminar sua deliberação, talvez atendendo a ponderações (inclusive desta folha, em editorial) sobre a utilidade daquele empreendimento, nascido de uma interessante concepção industrial e arquitetônica, mas lamentavelmente desvirtuado pela irresponsabilidade do ex-prefeito, Mário Kertész. Resolvendo salvar a idéia de que se originou a Faec, a prefeitura pretende constituir uma nova empresa que, sobre as ruínas deixadas pela falência da empresa extinta, venha a executar trabalhos e serviços dentro do projeto original. Por enquanto, o funcionamento do que resta da Faec está sendo tocado pela Renurb.



Foto: Carlos Santana

**Peças que não chegaram a ser aproveitadas estão agora no mato**

## Era instrumento de marketing político

Segundo os dirigentes atuais da prefeitura, a Faec foi criada e mantida apenas como instrumento para a planejada campanha do ex-prefeito ao governo do estado, não tendo havido a preocupação de gerenciá-la com a necessária competência. Houve, assim, "maquiagem" de balanços financeiros e muitos desmandos, de tudo resultando a demissão de cerca de dois mil funcionários e, por fim, a desativação total da empresa.

No entendimento do procurador geral do município, Almir Brito, a Faec funcionou como um "aparelho para a fraude". Criada por Kertész e presidida por Roberto Pinho, eminência parda do ex-prefeito, a empresa afundou quando o grupo kertista retirou-se da administração Fernando José. O patrono do atual prefeito, empresário Pedro Irujo, não vacila em afirmar que a "maquiagem" feita no balanço referente ao exercício encerrado em 31/12/88, e somente publicado em 11 de junho de 1989, foi a gota d'água para o rompimento político dos dois grupos.

O balanço apresenta um lucro (reserva legal) de Cz\$1.904.760,00, lucro este fictício. "O que encontramos foi uma situação caótica, com dois mil funcionários ociosos, débitos com vários fornecedores, impossibilidade de assumir novos contratos de produção por total descalabro financeiro", desabafa o prefeito Fernando José, que no segundo semestre do ano passado contratou a firma de auditoria Arthur Andersen S/C, que constatou os desmandos contábeis na Faec. O resultado completo dessa audi-

toria ainda não foi tornado público pelo prefeito.

### PREÇOS IRREAIS

As operações de produção negociadas pela Faec resultavam em logro para os cofres públicos do município de Salvador. O principal sucesso decantado em favor daquela fábrica, isto é, o baixo custo da produção dos equipamentos, não passava de artifício propagandístico.

Obras cujo valor real deveria ser calculado à razão de 110 URF o metro quadrado eram negociadas a 25 e até 18 URF o metro quadrado. Em suma, jogava-se dinheiro fora.

Foi essa política de preços baixos, alardeada aos quatro cantos, que deu fama à Faec, que tinha como dirigente técnico o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé. A empresa dominou a cena arquitetônica da capital. Ergueu em três semanas uma nova sede para a prefeitura, (considerada, pela atual gestão, funcionalmente "impraticável").

Diversos contratos logo passaram a ser feitos com prefeituras do interior da Bahia e mesmo com governos e instituições de outros estados. É difícil precisar o volume total dos negócios da empresa, durante sua vida útil. Foram centenas.

Cinco dos últimos contratos foram rompidos após a saída do grupo kertista da prefeitura, com a assunção dos novos diretores. Foram os feitos com as prefeituras de Igaporá, Amargosa e Itaberaba (na Bahia), e com as prefeituras de Florianópolis (Santa Catarina) e Pinheiros, terra dos Sarney, no Maranhão. Existem ainda pendentes os contratos com as Pioneiras Sociais de Brasília e com a

Construtora Norberto Odebrecht, no projeto do Transporte de Massa de Salvador.

### MUNICÍPIO PAGA DÉBITO DA ENGEPAR

"Como é que a Faec dava lucro e os empregados estavam com os salários e outros benefícios em atraso?" O prefeito Fernando José — que, como candidato, apoiado por Kertész, também fez loas àquele "sucesso" — diz que andou se perguntando isto nos primeiros meses em que assumiu o cargo. "Todo final de semana eu tinha de dar um jeito para pagar aos seus dois mil funcionários, que estavam ociosos. Eu não tinha obrigação de fazer isto, a obrigação era da Sérvia e Engepar. Mas era aqui na prefeitura que os empregados vinham cobrar".

Este é um novo capítulo do caso Faec. Logo ao ser criada, em 1986, Kertész entregou a administração da fábrica à empreiteira Sérvia, pertencente ao empresário Thales Nunes Sarmento. Foi feito um contrato de 12 meses, ao valor de Cz\$175.036.851,87, com a empreiteira assumindo a responsabilidade pela locação de mão-de-obra e encargos sociais do pessoal da fábrica. Em setembro de 87, sem concorrência, a Sérvia "cedeu" os direitos do contrato à empreiteira Engepar, também propriedade de Thales Sarmento. No dia em que Kertész deixou a prefeitura, a 31 de dezembro de 1988, Thales Sarmento praticava na Junta Comercial da Bahia um artifício, retirando seu nome e o da esposa como responsáveis pela empreiteira. A essa altura, a Faec já estava no fundo do po-

ço, e a maioria dos peões que nela trabalhava passando fome.

Hoje, a empresa está sendo liquidada. O procurador Almir Brito chegou a acreditar na possibilidade da sua reativação "depois que ajestarmos as coisas". Antônio Carlos Midler, diretor administrativo da Faec, informa que restam 47 funcionários, que vêm trabalhando unicamente na manutenção das máquinas e aparelhagens, a fim de evitar deterioração dos equipamentos. "Não estamos operando. A fábrica está em estado latente, mas pronta para entrar em atividade quando puder".

O diretor diz que praticamente a totalidade das rescisões de contratos dos ex-empregados já foi paga pela prefeitura. "Faltam cerca de 30, cujas ações serão pagas na Justiça do Trabalho". Midler diz ainda que o valor total dos pagamentos das rescisões chegou a NCz\$6 milhões e 800 mil. "Isto deveria ser pago pela Engepar, mas devido à questão social do fato a prefeitura pagou. A posteriori, o prefeito deve cobrar, até na Justiça, a devolução desse dinheiro à Engepar".

### CAIXA DOIS

Almir Brito também não afasta essa possibilidade. "Eu só preciso de um pouco mais de tempo", argumenta. O procurador alega que o processo judicial já em andamento na 7ª Vara da Fazenda Pública, contra a Sérvia, Engepar e bancos, no qual Mário Kertész consta como patrocinador de contratos fraudulentos, que resultaram em um rombo nos cofres públicos estimado em cerca de US\$200 milhões, "tem me deixado no sulco". Não coincidentemente, estes contratos envolvem operações financeiras praticadas pela direção da Faec e Renurb, que serviram em certo momento como uma espécie de "caixa 2" do ex-prefeito, na expressão de Brito.

Seja como for, os prejuízos financeiros, materiais e sociais motivados pela verdadeira aventura que foi a Faec são irrecuperáveis ao município de Salvador. Lucram os prefeitos do interior — se é que lucraram —, que puderam usufruir das obras cotadas a preços de banana, subsidiadas pelo contribuinte da capital.

Quanto a Roberto Pinho e o arquiteto Lelé, as informações nos gabinetes municipais são de que se associaram e abriram uma firma de consultoria de obras e equipamentos comunitários, no eixo Rio-São Paulo, oferecendo serviços principalmente a prefeituras. A atividade deles na Faec não se sustentou perante a menor auditoria independente. Confirma a máxima transcrita pelo urbanista norte-americano Marshall Berman, em seu sucesso editorial: tudo que é sólido, desmancha no ar.